



"Educação como prática de Liberdade":
cartas da Amazônia para o mundo!

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ (UFPA)
SET-OUT 2021

ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

9202 - Resumo Expandido - Trabalho - 40ª Reunião Nacional da ANPEd (2021)

ISSN: 2447-2808

GT12 - Currículo

ENTRE LINHAS MOLARES E MOLECULARES DE UMA EDUCAÇÃO COTIDIANA
Tamili Mardegan da Silva - UFES - Universidade Federal do Espírito Santo

ENTRE LINHAS MOLARES E MOLECULARES DE UMA EDUCAÇÃO COTIDIANA

RESUMO: Trata-se de uma proposta de pesquisa que objetiva abordar as produções curriculares intensificadas pela potência das práticas-políticas experienciadas com os cotidianos escolares. Em meio às macropolíticas curriculares voltadas para a educação, estão os currículos escritos a partir de uma *literatura menor* (DELEUZE; GUATTARI, 2017), produzidos pelos sujeitos que habitam os cotidianos escolares, corroborando para a percepção das potencialidades do que é tecido de forma anônima nas escolas, intensificando os processos de criação e de aprendizagem. Na *educação menor* (GALLO, 2016), que se infiltra na educação régia, encontra-se a potência do currículo que vai além do que é pensado oficialmente para acontecer e faz a educação ser uma composição de linhas molares e moleculares, ao mesmo tempo.

Palavras-chave: Cotidiano(s). Currículo(s). Educação menor. Molar. Molecular.

1 UMA EDUCAÇÃO MOLAR-MOLECULAR

Iniciamos esta escrita trazendo à tona os cotidianos escolares e seus currículos como possibilidades para nutrir o encantamento pelas inquietações. A partir da vivacidade das escolas públicas, do dia-a-dia educacional e das afecções ali presentes, vemos que os cotidianos podem se tornar pano de fundo para uma pesquisa que deseja falar dos currículos de outras maneiras, mostrando que os entrelaçamentos das concepções molares e moleculares fazem parte da composição e dos enredamentos curriculares.

Apostamos no que é tecido pelos sujeitos de forma potente e, de certa forma, anônima, nos territórios complexos desse mapa infinitivo que é o campo educacional, o que nos provoca a estranhar as ideias que partam da simplificação dos processos, pois não há como descomplexificar o cotidiano ou reduzi-lo a um lugar fixo. Falamos de cotidiano(s), ora no singular, ora no plural e, sempre, no múltiplo. Cotidianos escorregadios, cotidianos incapturáveis, que são compostos por linhas duras e flexíveis, ao mesmo tempo.

Portanto, produzimos conhecimento em caminhos outros, distintos daquelas pegadas marcadas num chão duro que nos levam para lugares predestinados, onde conhecer é sinônimo de quantificar. Vamos revendo conceitos e questionando o rigor científico, sem poder abandoná-lo por completo, fazendo usos diferenciados dele para subvertê-lo, fazendo um filho pelas suas costas. Molar e molecular.

Nesta tessitura falamos de uma literatura menor (DELEUZE; GUATTARI, 2017) dentro da maior, na marginalidade e na resistência. Gaguejante. Vivendo na insubmissão de uma pesquisa que se torna uma prática-política. De mostrar que o termo *menor* pode ser associado a tantas outras expressões para falar daquilo que é movente na educação, pois foge, ou tenta fugir, do que é estabelecido. Uma educação menor (GALLO, 2016) que não é inferioridade e que não fala em nome próprio, mas que se abre em multiplicidade para enunciar o coletivo, num devir-menor de postura ativa.

Desejamos que os cotidianos escolares e suas práticas-políticas sobressaíam nos diferentes espaços-tempos intersticiais para que os currículos menores não sejam apresentados apenas pelo que manda uma educação maior, uma vez que “A educação maior é aquela dos planos decenais e das políticas públicas de educação, dos parâmetros e das diretrizes, aquela da constituição e da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, pensada e produzida pelas cabeças bem-pensantes a serviço do poder” (GALLO, 2016, p. 64). Diante disso, incluímos nessa lista de Gallo (2016) a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) que, postulada também como parte de uma educação maior, integra este campo problemático e, a partir dela, tecemos alguns tensionamentos oportunos. Dessa forma, um currículo menor coengendrado ao maior, faz com que sejamos colocados no “entre”, sem posição definida, um encontro sem preparação nesse plano de composição, em que somos apenas efeitos. Educação molar-molecular.

2 BUSCANDO ALTERNATIVAS EM MEIO À SOCIEDADE DE CONTROLE

A modulação universal promovida pela sociedade de controle se faz presente também nos cotidianos escolares. Passamos de um encarceramento disciplinar ao monitoramento rastreador: “Estamos entrando nas sociedades de controle, que funcionam não mais por confinamento, mas por controle contínuo e comunicação instantânea” (DELEUZE, 2013, p. 220). Essa realidade é a que impera contemporaneamente, na qual, além disso, (não) vemos se formar “[...] uma fantástica fabricação de riqueza e miséria. [...] Não há Estado democrático que não esteja totalmente comprometido nesta fabricação da miséria humana” (p. 217).

Estamos diante de um cenário liquefeito, não capturável. O controle está em toda parte, o sentimos, mas não o alcançamos. Nesse contexto, estão as predominâncias das maiorias, majoritariamente soberanas mediante as minorias que buscam seus espaços. Minorias representadas pelo povo que, quando reage e se manifesta, é por meios próprios. Deleuze (2013, p. 218) nos traz uma importante contribuição nesta definição da coexistência desses dois mundos no mesmo plano:

As minorias e as maiorias não se distinguem pelo número. Uma minoria pode ser mais numerosa que uma maioria. O que define a maioria é um modelo ao qual é preciso estar conforme [...]. Ao passo que uma minoria não tem modelo, é um devir, um processo. Pode-se dizer que a maioria não é ninguém. Todo mundo, sob um ou outro aspecto, está tomado por um devir minoritário que o arrastaria por caminhos desconhecidos caso consentisse em segui-lo. Quando uma minoria cria para si modelos, é porque quer tornar-se majoritária, e sem dúvida isso é inevitável para sua sobrevivência ou salvação [...].

A partir disso, percebemos a escola e suas políticas se alteram naturalmente, de acordo com a sociedade em que estão inseridas. O que está sendo implantado são novos tipos de sanções, de educação, de tratamento. As instituições estão cada vez mais abertas: hospitais, igrejas, domicílios e, evidentemente, as escolas: “[...] a educação será cada vez menos um outro meio fechado, distinto do meio profissional – um outro meio fechado –, mas que os dois desaparecerão em favor de [...] um controle contínuo se exercendo sobre o operário-aluno ou o executivo-universitário” (DELEUZE, 2013, p. 220).

Avançaremos um pouco mais nesta discussão ao trazermos à baila a BNCC, homologada em 20 de dezembro de 2017, que nos impele a uma necessidade de questionarmos esse documento regido pela sociedade de modulação ou de comunicação e que se constitui como um controlador. Sabemos que os movimentos de consolidação da BNCC iniciam-se mais fortemente em 25 de junho de 2014, com a Lei 13.005, que instituiu o Plano Nacional de Educação (PNE 2014-2024). Das vinte metas do Plano, quatro delas tratam da BNCC, fato que carimba o PNE como um instrumento que legitima a política curricular da Base. Ficam mais evidentes as relações de poder que a BNCC carrega, sendo postulada como o recurso necessário para a qualidade educacional e melhoria dos índices e rendimentos em todas as etapas e modalidades da educação básica.

Pelos próprios argumentos da BNCC, sua definição é ser “[...] um documento de caráter normativo que define o conjunto orgânico e progressivo de **aprendizagens essenciais** que todos os alunos devem desenvolver ao longo das etapas e modalidades da Educação Básica [...]” (BRASIL, 2017, p. 7, grifo do autor). Além disso, indica que “[...] é necessário que sistemas, redes e escolas garantam um patamar comum de aprendizagens a todos os estudantes, tarefa para a qual a BNCC é instrumento fundamental” (p. 8).

Com evidência para o setor empresarial e manifestando uma forma única de considerar os estudantes, bem como os seus conhecimentos e as suas aprendizagens, além de promover o apagamento da figura do professor, a BNCC descaracteriza os alunos e os docentes ao negligenciar a complexidade das vidas que habitam as escolas, propondo um projeto unificador e mercadológico, na construção do tripé: uniformização curricular + testagem em larga escala + responsabilização de professores e gestores.

Assim, estabelecer estratégias, técnicas, procedimentos, esquemas, artifícios, métodos, competências e habilidades são algumas das principais características da BNCC que mantém forças elementares para monitorar os processos de aprendizagem no âmbito das escolas e dos sistemas de ensino. Mesmo com certo tempo de vivência com as implicações da BNCC, optamos por insistir na problematização desse documento, pois é a política curricular mais atual da educação brasileira, mediante a exigência de ser seguida por todas as redes de ensino país afora.

Trazemos problematizações a respeito da BNCC para apresentar algumas alternativas ao que é postulado por ela. A despeito de uma BNCC que deseja equalizar o que não pode ser equalizado, como os currículos de comunidades tão diversas de norte a sul do país e a potência da vida daqueles que habitam a educação, passamos a provocar conversações em uma perspectiva cotidianista, valorizando o potencial de resistência daqueles que criam linhas de fuga para escapar do jogo das majorias nesta sociedade de controle.

Em se tratando das pesquisas com os cotidianos (FERRAÇO, 2003), desejamos falar daquilo que pulsa muito mais forte do que qualquer análise feita por meio delas, como alternativa às postulações das grandes apostas curriculares. Cotidianos que se manifestam no vivido, porque falam da própria vida, como uma aposta de pesquisa pautada nos cotidianos escolares, escorregadios e irrepresentáveis.

Pesquisar com os cotidianos exige uma postura de ataque e também de recuo. É ficar atento aos acontecimentos e, ao mesmo tempo, se deixar levar pelos movimentos imanentes. A complexidade de pesquisar *com* está em não ser um mero espectador que observa para extrair informações, mas que, com rigorosidade e sensibilidade, ao mesmo tempo, experiencie o campo em suas afetações e afecções.

É preciso aguçar a percepção quanto à importância do pensamento e da ação política do currículo, em que ocorre *tudo ao mesmo tempo* (FERRAÇO, 2007), na existência do que é

prescrito, ao mesmo passo em que existem por dentro dele as redes de saberes-fazer. É no caos das ações desordenadas e ordenadas, que esse emaranhado de acontecimentos vai dando vida às práticas-políticas que pulsam nas escolas e que produzem efeitos de aprendizagens. Dito de outro modo, as práticas cotidianas também são políticas curriculares de educação.

Concebendo, portanto, currículo como tudo aquilo que é vivido, experienciado e sentido na educação, os devires atravessam essa imanência curricular, colocando em movimento todas as ideias materializadas, representadas e naturalizadas. Por isso, fazemos a proposta de um currículo menor, como mais uma possibilidade de gaguejar em nossa própria língua, como estrangeiros. Necessidade de abertura do currículo para o plano de imanência. Multiplicidade.

Nesta esteira, refutamos a possibilidade de que o currículo seja apenas uma receita do que deve ser ensinado, se reduzindo a aprendizagens mínimas, desconsiderando todo o contexto educacional e a necessidade de políticas públicas que sejam realmente alavancadoras da educação. Currículos não são prescrições, não são habilidades e competências. Currículo não é apenas a BNCC e, a BNCC, também é currículo, só que maior.

E, reiteramos que o currículo padronizado não oprime o docente, pois o professor usa do seu conhecimento para ressignificar o que é regulador, atribuindo a ele outras produções e sentidos. A lógica das modulações existe e continuará a existir, assim como também sempre existirá a reinvenção cotidiana, na perspectiva da diferença, de que “[...] Não cabe temer ou esperar, mas buscar novas armas” (DELEUZE, 2013, p. 224).

3 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES PARA REINICIAR

Ao trazermos problematizações de uma pesquisa que objetiva tratar dos movimentos curriculares produzidos nos cotidianos escolares, principalmente no que diz respeito aos abraçamentos e aos afastamentos entre as linhas molares e as moleculares, buscamos evidenciar que o que é produzido nas escolas é múltiplo, vivo e dinâmico, diferentemente do que é apontado nas perspectivas mais endurecidas.

Da mesma maneira, os processos de aprendizagens estão para além do que é postulado como regra, escapando e criando novas possibilidades, não sendo possível um único currículo dar conta de todos, pois os conhecimentos e os sujeitos são diversos. A partir de um currículo menor, que nos tira do reino das aprendizagens essenciais de uma BNCC, somos impulsionados a pensar num currículo que não seja mínimo: “A ciência maior tem perpetuamente necessidade de uma inspiração que procede da menor; mas a ciência menor não seria nada se não afrontasse às mais altas exigências científicas, e se não passasse por elas” (DELEUZE; GUATTARI, 2012, p. 208).

Diante das infinitas forças do cotidiano, nos deparamos com aqueles devires da pesquisa que nos sacodem e nos trazem de volta. Alunos-professores-pesquisadores que somos e que escrevemos sobre o que é viver educação. Portanto, combatendo a totalidade falida dos currículos oficiais e a sua desejada unicidade hegemônica, evidenciamos os currículos tecidos cotidianamente, os quais produzem aprendizagens e conhecimentos vigorosos, entre o caos e a ordem. Molar e molecular.

Embora desafiadora, a proposta de refazer a grande literatura por meio de investidas menores, nos apresenta a possibilidade de uma pesquisa que pode se tornar uma luta coletiva. Que esta escrita possa se inscrever em uma literatura menor para subverter, de alguma maneira, os arranjos de uma literatura maior, nos proporcionando poder falar de um cotidiano perfeito, feito por imperfeições.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Básica. **Base nacional comum curricular**. Brasília, DF, 2017. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf. Acesso em: 5 maio 2021.

DELEUZE, GILLES. **Conversações**. São Paulo: Editora 34, 2013.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs**. v. 4. São Paulo: Editora 34, 2012.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Kafka**: por uma literatura menor. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

FERRAÇO, Carlos Eduardo. Eu, caçador de mim. In: GARCIA, Regina Leite (Org.). **Método**: pesquisa com o cotidiano. Rio de Janeiro: DP&A, 2003. p. 157-175.

FERRAÇO, Carlos Eduardo. Pesquisa com o cotidiano. **Revista Educação e Sociedade**. Campinas, v. 28, n. 98, p. 73-95, jan./abr., 2007.

GALLO, Silvio. **Deleuze e a Educação**. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2016.